



Em 14 meses à frente da Casa Branca, republicano impôs o unilateralismo como instrumento para forçar a hegemonia dos Estados Unidos no cenário global e desafiar rivais. Especialistas avaliam impactos da política externa de Washington

A Pax Americana de Donald Trump

» RODRIGO CRAVEIRO

A Segunda Guerra Mundial tinha acabado, e os Estados Unidos passaram os 18 meses seguintes consolidando-se como potência econômica e militar, ao anular adversários. Em 427 dias no comando da Casa Branca, Donald Trump reeditou a chamada Pax Americana e levou o seu slogan “America First” (América em primeiro lugar) às últimas consequências. O republicano fechou a fronteira sul com o México; impôs um tarifaço a vários países; ordenou uma ação militar para capturar o ditador venezuelano, Nicolás Maduro; lançou uma guerra conjunta com Israel contra o Irã; e agora ameaça derrubar o regime cubano, depois de impedir o escoamento de petróleo para a ilha caribenha comunista. O unilateralismo tem permeado as decisões de governo, alijando parceiros históricos. Nas últimas semanas, Trump fez reiteradas críticas à Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) — os Estados Unidos são o membro fundador da aliança militar ocidental, da qual fazem parte desde 1942.

Professora de relações internacionais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Cristina Pecequillo explicou ao **Correio** que Trump enxerga o “Make America Great Again” (Tornar a América grande novamente) e o “America First” (América em primeiro lugar) como a expressão mais direta do exercício hegemônico unilateral. “Não me parece a criação de nova ordem mundial, mas a tentativa de reafirmar a Pax Americana, buscando barrar processos de multipolaridade global”, avaliou.

Na opinião dela, Trump prioriza a ação internacional baseada no unilateralismo e na pressão aos aliados, a fim de que sustentem as prioridades da política externa dos EUA. “Isso causa um problema de coordenação e desacordos nas alianças, que podem, a médio e longo prazos, sofrer processos de desagregação e fragmentação.” Nesse sentido, Pecequillo interpreta o fenômeno

Brendan Smialowski/AFP



Donald Trump fala a repórteres antes de embarcar no helicóptero Marine One, nos jardins da Casa Branca

Eu acho...

Arquivo pessoal



“A credibilidade e a legitimidade da hegemonia dos Estados Unidos têm sido erodidas na última década tanto por governos democratas quanto republicanos. Trump apenas acelera e intensifica esse movimento, que, por seu estilo pessoal, acaba provocando mais impacto por ser mais aberto, no sentido de não justificar o uso do poder por razões idealistas, mas, sim, exercer o poder pelo poder. Além disso, o comportamento errático de Trump é, por si só, uma tática, que defino como de ‘imprevisibilidade previsível.’”

CRISTINA SOREANU PECEQUILLO, professora de relações internacionais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)

como um risco para os próprios Estados Unidos.

Denilde Holzhacker, professora de relações internacionais da ESPM, concorda com Pecequillo. “O objetivo de Trump é reafirmar e construir a Pax Americana, que ele entende estar em declínio e, agora, volta a reposicioná-la de forma unilateral”, disse à reportagem. Segundo ela, a disputa com a China também tem peso na reacomodação da política hegemônica americana. “A percepção é de que a China se mostra a grande concorrente. Por isso, os Estados Unidos têm que reocupar seus espaços para

criar áreas de influência fortes para competir com Pequim. É um reordenamento da lógica internacional, mas também no sentido de disputas por espaços de poder e construção da posição dos EUA no mundo.”

Poderio militar

De acordo com Allan Lichtman, historiador político da American University (em Washington), a maioria dos analistas interpreta mal o que Trump quer dizer com “America First”: “Isso não implica priorizar assuntos internos em detrimento dos

desafios externos. Pelo contrário, re-flete uma crença de que os Estados Unidos deveriam dominar o cenário global por meio de seu poderio militar. Trump sugeriu que tal poder lhe concede liberdade ampla para agir como desejar, tanto em casa quanto no exterior”, afirmou ao **Correio**.

O especialista reconhece que as ações de Trump — antes e durante a guerra — prejudicaram significativamente a reputação global dos Estados Unidos. “Antes vistos como um farol da democracia e do Estado de Direito, os EUA agora são avaliados de forma muito menos favorável.

As pesquisas indicam que sua posição internacional caiu drasticamente, ficando inclusive atrás da China em termos de prestígio global.” Ele disse acreditar que Trump ficaria feliz com um mundo dividido entre as esferas de influência americana, russa e chinesa. “Basta olharmos para suas intervenções na Venezuela e em Cuba.”

Sobre a guerra no Irã, Lichtman a considera uma “extensão lógica” da interpretação de Trump sobre o “America First”. “O Pentágono, agora, busca um adicional de US\$ 200 bilhões para manter a guerra. A um custo estimado de US\$ 1

bilhão por dia, esse financiamento sustentaria aproximadamente mais 200 dias de uma guerra que Trump declarou vencida. Se aprovado, o gasto militar total sob sua liderança chegaria a aproximadamente US\$ 1,2 trilhão”, observou. “Ao mesmo tempo, Trump bloqueou os subsídios da Lei de Acesso à Saúde, dos quais milhões de americanos dependem para obter seguro saúde, além de ter cortado o financiamento para assistência alimentar, Medicaid e pesquisa médica — medidas que prejudicam os mais vulneráveis.”

Escalada ameaça criar espiral de descontrole

O fim de semana viu a guerra de Estado Unidos e Israel contra o Irã escalar, com troca de ataques — por sorte, mal-sucedidos — a instalações nucleares; mísseis iranianos driblando a formidável defesa antiaérea israelense; e novos bombardeios das forças de Tel Aviv ao Líbano, cujo primeiro-ministro declarou agora temer uma invasão terrestre em larga escala. A esse cenário, somaram-se ameaças mútuas de “obliteração” (Donald Trump prometendo devastar usinas iranianas caso o Estreito de Ormuz não seja reaberto até o fim do dia de hoje) e “destruição irreversível das infraestruturas vitais” (presidente do Parlamento iraniano, Mohammad-Bagher Ghalibaf) de aliados dos americanos na região.

Trump — sob forte pressão devido à alta dos preços dos combustíveis em um ano de eleições de meio de mandato, e com a economia americana já sofrendo as consequências da guerra tarifária dos últimos meses — deu um ultimato ao Irã para que reabra imediatamente o Estreito de Ormuz. Se essa via crucial para o comércio mundial de hidrocarbonetos não for reaberta, “os Estados Unidos atacarão e acabarão com



Às vezes, é preciso escalar (ataques) para desescalar (a guerra). Essa é a única linguagem que os iranianos entendem”

Scott Bessent, secretário do Tesouro dos Estados Unidos

suas diversas USINAS ELÉTRICAS, COMEÇANDO PELA MAIORI!”, afirmou o presidente dos Estados Unidos em uma mensagem na rede Truth Social.

O regime de Teerã respondeu imediatamente. O poderoso presidente do Parlamento, Mohammad-Bagher Ghalibaf, ameaçou destruir de forma “irreversível” as infraestruturas de energia, e de dessalinização de água da região caso os

EUA realmente ataquem as usinas iranianas. E advertiu: isso fará com que os preços do petróleo subam por “muito tempo”.

O porta-voz do Comando Operacional do Exército iraniano, Khatam Al Anbiya, foi além: afirmou que o país fecharia “completamente” o estreito, caso Trump cumpra suas ameaças. O Irã mantém um bloqueio quase total dessa via marítima, mas um número relativamente reduzido de navios tem conseguido cruzá-la, cerca de 5% do volume anterior à guerra, segundo a consultoria Kpler. Teerã alega que apenas navios de “inimigos do Irã” estão proibidos de passarem pelo estreito.

Sem sinal de alívio

E não há sinais de que a guerra possa caminhar para uma resolução rápida. O secretário do Tesouro dos EUA, Scott Bessent, afirmou ontem que os Estados Unidos poderiam ter que aumentar seus ataques contra o Irã para pôr fim à guerra. A declaração foi dada após pergunta da rede NBC sobre se o presidente Donald Trump, após novos sinais contraditórios, vai apaziguar ou intensificar a guerra.

KAWNAT HAJU/AFP



Bola de fogo sobe após bombardeio a ponte no sul do Líbano: primeiro-ministro vê “prelúdio de invasão”

Bessent respondeu: “Não são coisas que se excluem mutuamente. Às vezes, é preciso escalar para desescalar. Essa é a única linguagem que os iranianos entendem”.

Em outra frente, o Exército israelense atacou uma importante ponte localizada na principal

estrada costeira que conecta a região de Tiro ao restante do Líbano, depois que o ministro da Defesa, Israel Katz, afirmou que o governo deu a ordem para destruir mais infraestruturas supostamente usadas pelo Hezbollah — movimento islamista aliado do Irã.

O presidente do Líbano, Joseph Aoun, condenou o bombardeio israelense da ponte, equipamento estratégico no sul do país, e afirmou em um comunicado que os ataques contra a infraestrutura representam “o prelúdio para uma invasão terrestre”.